



## **O PAPEL DAS MULHERES NA SOCIEDADE: diferentes formas de submissão**

Cleiciane Back\*

Joelma Vieira Barbosa\*\*

Luana Kátia Herber Quevedo\*\*\*

Ivone Jesus Alexandre\*\*\*\*

Este artigo discute o papel das mulheres na sociedade. Tem como objetivo mostrar as mudanças no papel da mulher na sociedade ao longo do tempo. Atualmente as mulheres estão ocupando espaço em todos os setores da sociedade, mas há muito a conquistar. Os autores que subsidiam o trabalho são Maria de Fátima Silva Porto, Nísia Floresta Brasileira Augusta, Alain Touraine e Susan K. Besse, mostrando-nos a trajetória histórica das mulheres, movimentos de luta e conquistas. Acreditamos que as mulheres hoje em dia ainda são dominadas porque se sentem como se estivessem aquém do que a sociedade espera sobre elas, buscando atender às expectativas dos outros e não do que espera de si mesma. Com essa discussão esperamos que as mulheres comecem a rever seu papel dentro da sociedade.

**Palavras-chave:** Mulheres. Cultura. Sociedade. Dominante. Dominado.

### **1 INTRODUÇÃO**

Ao longo de sua história, a mulher tem lutado para sair de um ‘mundo de submissão ao sexo masculino’. Antes, as mulheres eram dominadas pelos maridos pois, este era o

---

\* Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Graduada em Direito pela FASIPE. Especialista em Psicopedagogia pela FASIPE. Pós-graduanda no Curso de Especialização **Docência no Ensino Superior** pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).

\*\* Graduada em Ciências Biológicas pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Pós-graduanda no Curso de Especialização **Docência no Ensino Superior** pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).

\*\*\* Graduada em Matemática pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT). Pós-graduanda no Curso de Especialização **Docência no Ensino Superior** pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT).

\*\*\*\* Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT/Sinop). Pós-graduanda em Educação a Distância pela Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT/Cuiabá). Mestrado em Educação pela UFMT/Cuiabá. Professora Assistente na UNEMAT/Juara e atua na área de Metodologia de Ensino.

modelo imposto pela sociedade da época mas com muita luta, elas conseguiram se posicionar e mudar esta realidade. Hoje as mulheres podem escolher o que querem para sua vida: se querem trabalhar fora ou apenas cuidar da casa e dos filhos, escolha esta que há anos atrás não existia. Mas esta escolha não é para todas as mulheres pois, com uma sociedade capitalista extremamente consumista, hoje 'o ter' acaba sendo considerado antes mesmo do bem estar da família e muitas mulheres acabam escolhendo trabalhar fora para aumentar a renda da família e ao final de uma jornada de trabalho, chegam em casa e tem que encarar os afazeres domésticos pois não tem condições de pagar por uma empregada e acabam acumulando serviços sem contar que além disso, as mulheres ainda tem, culturalmente, a 'obrigação' de cuidar dos filhos.

Nesta perspectiva, a mulher acaba sendo novamente 'dominada' mas hoje quem as dominam não são os maridos, é a sociedade que fez com que a mulher assuma vários papéis como ser trabalhadora, 'dona-de-casa', mãe e ainda deve seguir os padrões da moda imposto pela mídia pois até para conseguir um bom trabalho, as mulheres devem se vestir como as empresas esperam que elas se vistam, a mulher hoje muitas vezes é contratada por uma empresa ou não, se a sua aparência é agradável aos olhos da empresa.

A luta das mulheres para apenas serem reconhecidas como pessoas que vem de longa data; contudo, é só fazer uma pequena digressão histórica para ver claramente que a contenda que as mulheres travam hoje em dia, oriunda dos primórdios da humanidade, na busca de que seus direitos sejam respeitados como seres humanos.

Pois, é tendo como meta uma participação no processo de conscientização da humanidade, quanto às arbitrariedades que se praticam frente aos diversos seres humanos discriminados, tais como: os negros, as empregadas domésticas, as mulheres propriamente ditas, e muitos outros estigmas, cujo objetivo deste pequeno ensaio é participar da dinâmica de libertação das mulheres, como iluminação das mentes atrasadas que ainda existe nos diversos recantos do País. As discussões são longas, entretanto, pouco se tem conseguido com este esforço, tendo em vista que as radicalizações não conduzem a nada e as frustrações pessoais têm contribuído para uma pulverização de idéias sobre o assunto, culminando com o afastamento das mulheres de suas reais reivindicações políticas.

A mulher na sociedade atual já tem tomado consciência de sua tarefa no mundo político em que está inserida, mas devido as suas condições de fraqueza adquiridas ao longo da história, não avançou eficientemente como deveria ter progredido como fizeram algumas em associações bem mais novas e menos numerosas do que a quantidade de mulheres que sofrem o despotismo dos machistas inconseqüentes, que não contém seus momentos de fúria

descontrolada. Finalmente, a luta é oportuna e séria, pois não se deve escravizar um irmão em pleno século XX e, em tempo algum. Entretanto, quando as forças universais fizeram o mundo não discriminaram ninguém, quer seja homem ou mulher e isto não pode acontecer na era da informática e da robótica.

Nos dias atuais, a mulher deve se entrosar melhor nos movimentos políticos que dizem respeito às suas questões em todos os aspectos possíveis tais como: ser vista como um ser humano, não ser tratada como um ser inferior, isto é, como um objeto sexual e, tê-la como uma companheira e não como uma empregada, ou escrava. A luta pela participação da mulher na sociedade é velha e precisa de mais esforço, para que não exista o diferencial entre homem e mulher, mas que todos devem ser iguais como seres humanos que pensam, que produzem e que querem seu espaço na sociedade moderna, para avançar conjuntamente com todos aqueles que buscam a melhora conjunta para todos.

A mulher ainda é tida como um objeto e não se pode perdurar este estado de coisas, tendo em vista que as batalhadoras que têm conseguido um espaço são poucas, pois muitas destas não conseguiram, ou não querem enfrentar essa batalha no processo de conscientização das amigas e companheiras. É preciso uma organização desse grupo com objetivo de eliminar esta imagem da mulher boazinha, da mulher que só serve para fazer propaganda de produtos industriais mostrando seu corpo, ou mesmo em filmes de sexos explícitos. A mulher tem que dar um basta nisto tudo e partir para uma igualdade entre todos; portanto, deixar de vender seu corpo para sobrevivência, sem qualquer pudor e amor para consigo própria.

Como se sabe, a sobrevivência fala mais alto e é neste sentido que aquele que tem alguns recursos, procuram degradar a raça humana, depreciando o sexo feminino no afã de matar os seus prazeres pessoais, não só pela simples vontade, mas objetivando demolir o que há de mais precioso que é a moral do ser humano. Quer queira, quer não, a mulher é um ser “frágil”, devido ao processo de ditadura que tem enfrentado ao longo da história e não é do dia para a noite que se vai acabar com este estado de coisas. Portanto, são necessários tempos e mais tempos para se ter uma consciência de sua real contribuição na sociedade do passado, no presente e no futuro, na busca de querer também ser gente séria e competente em todos os instantes.

## **2 SOCIEDADE E CULTURA**

Assim como diz Squirra (2005, p. 256), “nos dias atuais a sociedade deixa a vida no campo e as suas bases da manufatura para se inserir na industrialização, na economia e na

tecnologia da informação que está sendo a atividade principal da humanidade”. Com a modernização, as necessidades de domínio de manipular e transmitir grande quantidade de informação cresceu de uma forma gigantesca em relação à quantidade e qualidade das informações, definindo quem cresceu e se manteve inserido nos setores dos negócios.

Segundo Squirra (apud STRAUBHAAR, 2005, p. 261),

Reconhece a visão pós-moderna é a que não existe em uma verdade universal, aquela que na qual aquilo que você pensa depende da sua própria existência, que depende do grupo a que você pertence, a qual mídia você assina e a qual educação você recebeu em sua família, e assim sucessivamente.

Squirra (apud CONTINI, REIFSCHNEIDER E SADIVAN, 2005, p. 262):

Adiantam que, na economia do conhecimento, além dos critérios tradicionais, como renda per capita ou desenvolvimento humano, os países também passaram a ser classificados quanto a sua capacidade de gerar conhecimentos e transformá-lo em riqueza.

Como o homem se organiza em grupos (comunidade), cada indivíduo carrega consigo hábitos, crenças, costumes e assim, perpetua esses conhecimentos bem como alguns são modificados e outros são acrescentados, formando uma nova cultura que não é apenas do indivíduo mas sim, do coletivo.

Assim, cultura se apresenta de diferentes formas, dependendo de hábitos que cada indivíduo acrescenta ao grupo. Cultura segundo Ruth Benedict (apud LARAIA, 2008, p. 3), é: “como uma lente através da qual o homem vê o mundo. Homens de culturas diferentes usam lentes diversas e, portanto, tem visões desconstruídas das coisas.” Assim, cada grupo terá uma visão diferente de um mesmo comportamento pois a cada grupo, foram acrescentados diversas visões.

Existem diversas formas de ‘olhar’ a cultura. Com a evolução das gerações, os hábitos passados de pai para filho evoluíram sendo que, muitos costumes externos à cultura do grupo em que convivem, ainda são analisados e sendo diferentes aos seus costumes, torna-se uma superior a outra, uma melhor que a outra mas, esse conceito é ultrapassado pois culturas são hábitos acumulados ao longo da vida de um grupo e esses costumes não são melhores nem piores, mas acabam sendo um critério de julgamento de diferentes culturas, o que pode ser confirmado por Laraia (2008, p. 4): “Comportamentos etnocêntricos resultam também em apreciações negativas dos padrões culturais de povos diferentes. Práticas de outros sistemas culturais são catalogadas como absurdas deprimentes e imorais”.

### **3 A DIVERSIDADE DE CULTURAS: dominante x dominado**

Dentro de uma sociedade há vários grupos, cada um com sua cultura onde, havendo divergências, haverá conflitos entre eles e cada um busca o direito de ‘ser outro’ ou seja, ter reconhecida suas diferenças, o direito de não ser como os outros, cada grupo busca a sua identidade. Neste sentido, “Quanto mais se misturam as populações num mundo que se torna nômade, tanto mais numerosos são os encontros que podem desembocar na absorção de um grupo por outro, ou na guerra entre eles”. (TOURAINÉ, 2007, p. 208).

Numa família nuclear patriarcal, conforme Porto (2002, p. 262) “a mulher era responsável pelos deveres domésticos e cuidado com os filhos enquanto o pai trabalhava fora para buscar o sustento da família”. Esta divisão fazia o homem ter ‘domínio’ sobre a mulher de forma repreensiva e dominadora impedindo que a mulher buscasse adquirir novos conhecimentos, e sendo assim ela era impedida de sonhar, devia obediência ao marido e vivia em função do lar, de acordo com Touraine (2007, p. 208):

O que nunca se deve esquecer é que um encontro entre sociedades e culturas comporta sempre uma assimetria de poder: uma é a da maioria, a outra é da minoria; de um lado o colonizador, do outro o colonizado. Esta relação de poder é sempre reconhecida pelo dominado.

Também conforme Porto (2002, p.262): “dizemos que as características ‘femininas e masculinas’ são culturalmente construídas”. Há alguns anos atrás, o homem era culturalmente educado para ser rígido com os filhos, trabalhar para sustentar sozinho a família, já a mulher, era educada para cuidar dos filhos, ser amorosa e se submeter ao marido.

Esta submissão sufocava os anseios da mulher, pois seus desejos pessoais não eram levados em consideração pelo marido e filhos pois a ela, cabiam muitas tarefas domésticas impossibilitando-a de buscar sua realização pessoal. Muitas mulheres insatisfeitas com esta submissão, começaram a lutar para terem suas satisfações pessoais e este movimento, acarretou em preconceitos a estas mulheres pois elas estavam indo contra a cultura da época, estavam deixando de serem vistas, segundo Porto (2002, p. 263): “com desvalorização pela cultura, um ser castrado”. Esta ruptura da cultura trouxe muitas conquistas mas também, causou desordem em muitas famílias pois muitos homens se sentiram ameaçados e ficaram apreensivos com as mudanças com medo de perderem o domínio sobre a mulher. De acordo com Laraia (2008, p. 3):

O fato de que o homem vê o mundo através de sua cultura tem como consequência a propensão em considerar o seu modo de vida como o mais correto e o mais natural. Tal tendência, denominada etnocentrismo, é responsável em seu caso extremo pela ocorrência de numerosos conflitos sociais.

Este movimento de busca por direitos antes negado as mulheres, acentuou ainda mais a discriminação feminina pois elas estavam se dividindo em grupos dentro de uma única sociedade. Este preconceito por elas sofrido foi uma consequência das ações por elas realizadas. Conforme Laraia (2008, p. 4): “O costume de discriminar os que são diferentes, porque pertencem a outro grupo, pode ser encontrado mesmo dentro de uma sociedade”.

Este foi o início de grandes mudanças na estrutura familiar, conforme Porto (2002, p. 259) “nada é para sempre, a mudança é constante e a sociedade é dinâmica e diversa.”

Nos dias atuais, é visível perceber a mudança ocorrida na sociedade: no mercado de trabalho a mulher é aceita, embora muitas vezes ainda sendo discriminada e sua mão-de-obra ainda, inferior ao homem. A vida diária é tão intensa que a mulher precisa se ‘virar em mil’ para dar conta de todas as atividades por ela exercida além do trabalho fora de casa, e existe o grande desafio de cuidar e manter em ordem todas as atividades domésticas e o compromisso de ter uma relação saudável e amorosa com os filhos e o marido. Além deste papel dentro da casa, dentro da sociedade a mulher também tem um papel de submissão à uma imposição ditada pelas mídias, a ‘moda’, a mulher atual deve além de fazer tudo acima citado, também deve usar roupas e sapatos da moda, deve sempre ter cabelos com a última tendência, sempre estar com o corpo conforme os padrões da estética, sempre ‘linda, loira e magra’ e esta submissão à moda, as mulheres se sentem obrigadas a seguir pois sem isto, não serão as mulheres esperadas por todos muitas vezes, deixando algo mais importante de lado.

É importante buscar se aperfeiçoar e qualificar-se para que, no mercado de trabalho, ela possa concorrer de uma forma igualitária e com qualidade por uma vaga que esteja ao seu alcance conforme o seu currículo. No entanto, as pessoas no geral são competidoras e é preciso estar atenta as mudanças que ocorrem ao longo dos tempos, pois, são grandes e desafiadoras. “Portanto, afirmaram as mulheres empresárias, elas sempre têm que estar muito atentas e serem rápidas para dar conta de acompanhar todas as exigências e mudanças no mercado de trabalho”. (PORTO, 2002, p. 259).

Ocorreram muitas mudanças ao longo das décadas em que a mulher havia sido “criada para cuidar do lar e dos filhos” e devia ao marido total respeito e obediência sem questioná-lo, apenas concordando com tudo o que lhe era imposto, pois a mesma não tinha autoridade para nada. De acordo com Augusta (1989, p. 35):

Se cada homem, em particular, fosse obrigado a declarar o que sente a respeito de nosso sexo, encontraríamos todos de acordo em dizer que nós nascemos para seu uso, que não somos próprias senão para procriar e nutrir nossos filhos na infância, reger uma casa, servir, obedecer e aprazer aos nossos amos, isto é, a ele homens. .

É certo que este também é o dever das mulheres mas, não o único exclusivamente, mas a mentalidade masculina marxista levava ao homem pensar e agir desta maneira. Ainda de acordo com Augusta (1989, p. 35), relata que:

É verdade que o emprego de nutrir as crianças nos pertence, assim como a eles unicamente pertence o de gerá-los: se este último lhes dá algum direito à estima e respeito públicos, o primeiro nos deve merecer uma porção igual, pois que o concurso imediato de dois sexos é tão essencialmente necessário à propagação da espécie humana, que um será absolutamente inútil sem o outro.

Certamente ficava somente para a mulher a responsabilidade de cuidar da casa e dos filhos e o homem buscava fora o sustento para toda a família. É certo que é necessário a participação efetiva do homem em busca dos alimentos, mas, não é preciso que a mulher esteja sempre na cobertura de seu lar sem poder contribuir com a renda familiar melhorando assim a qualidade de vida da sua família. Muitas mudanças ocorreram durante todo esse percurso de direito das mulheres, elas que eram proibidas de trabalhar fora de casa, puderam então, colocar seus filhos na creche ou deixar aos cuidados dos avôs e assim, realizarem os seus desejos profissionais e pessoais que esteve por muito tempo, preso dentro de seu “eu”, por sempre ter sido reprimida por seus maridos.

Conforme Besse (1989), do livro **A mulher no espaço público**, organizado por Maria Stella Martins Bresciani (1989, p. 184), diz que:

A mulher moderna não quer mais agüentar aquilo que foi tolerado por suas irmãs, cujas vistas míopes não percebiam completamente as desgraças e a covardia de seu meio. [...] Hoje são cultivados, latentemente, porém profundamente nos peitos das mulheres, rancores terríveis e desejos ardentes de vingança contra os homens, que acreditam ser amados enquanto a virulência da revolta ou da defesa contra eles já está aumentando.

Há uma facilidade da mulher esconder no peito os sentimentos, as sensações, as emoções e os desejos em buscar aquilo de que tanto almeja somente para tentar manter o equilíbrio e a harmonia em seu lar, que para ela, é necessário que haja no seio de sua família, mesmo com todas as repreensões que ainda é possível enxergar na sociedade atual. Mulheres com a mesma função no mercado de trabalho e tendo o seu salário inferior ao do homem, mas, essa realidade vem sendo alterada com muitos esforços de pessoas que cansaram de ver isto estampado de todas as maneiras nos mais diversos ambientes.

## 4 CONCLUSÃO

E foi ao longo da história, que a mulher veio conquistando alguns espaços na sociedade de fundamental importância para a sua participação no mundo político. Não no somente mundo político de partidarismo mesquinho, tal como acontece com aqueles que lutam para tomar o poder, mas para poder ouvir e ser ouvido. Sabemos que a atuação da mulher sempre foi árdua em todos os sentidos, a começar como dona de casa, as famigeradas donas do lar, até a mulher trabalhadora no mercado de trabalho comum que busca a sua emancipação e sua independência financeira, submetendo-se a um salário bem inferior em relação ao de um homem que desempenha muitas vezes a mesma função. É este o ônus de quem quer avançar nos espaços que devem estar abertos para que todos os seres humanos sejam iguais não somente na Lei, mas efetivamente na prática.

Somos sabedores de que ainda falta muita coisa que deve ser feita para que as discriminações sejam abolidas do seio da sociedade e, em especial, do sistema capitalista que tem o objetivo de explorar o ser humano em demanda de migalhas que tenham por objetivo acumular e concentrar o capital de um sistema explorador. As discriminações são visivelmente exacerbadas; pois, quando se trata das mulheres, as complexidades são maiores, tendo em vista a própria desorganização delas, a sujeição em receber remunerações de fome, dadas as suas condições de pobres e frágeis, a Lei do capitalismo que incita a uma opressão do companheiro sobre sua companheira e, sobretudo, a atuação da igreja que muitas vezes não incentiva um trabalho sério das mulheres.

Com este clima de subordinação e bloqueamento da participação feminina nas atividades cotidianas da vida e, da mesma forma, se faz política; porém, não existem condições de se ter uma emancipação rápida das mulheres, no sentido da igualdade dos direitos e obrigações, mas tão somente de buscar espaço para ditar as suas normas. O direito da mulher como ser humano deve ser sagrado, para que o mundo progrida e avance dentro dos princípios de equidade, de perseverança e de amor; e certamente a participação que a mulher tem dado ao longo dos anos para a construção de uma sociedade mais justa, de um mundo melhor e mais equilibrado, no qual se desenha um novo papel para a mulher moderna e conseqüentemente, para toda a sociedade.

**THE ROLE OF WOMEN IN SOCIETY:  
different kinds of submission**

## ABSTRACT<sup>1</sup>

This article will discuss about women paper in society. It aims to show the changes in women's role in society over time. Nowadays women are occupying space on every sectors society, but there is much to conquer. The authors which subsidized us are Maria de Fátima Silva Porto, Nísia Floresta Brasileira Augusta, Alain Touraine and Susan K. Besse, showing us the women historical trajectory, struggle moves and achievements. We believe women nowadays still are dominated because they always feel how if they were fall short than the society expectation about them, seeking meet the others expectations and not hers expects about herself. Then we hope in this discussion that women begin to review their role within society.

**Keywords:** Women. Culture. Society. Dominant. Dominated.

## REFERÊNCIAS

AUGUSTA, Nísia Floresta Brasileira. **Direitos das mulheres e injustiça dos homens**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 1989.

BESSE, Susan K. In: Órgão da Associação Nacional dos Professores Universitários de História. **A mulher no espaço público**. São Paulo: ANPUH/Marco Zero, set. 1989.

CONTINI, Elisio; REIFSCHNEIDER, Francisco; SADIVAN, Yves. Os donos do conhecimento. **Revista ciência hoje**, v.34, n<sup>o</sup>, 2010.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito Antropológico. Disponível em < <http://www.ubiius.kit.net/doc/texto3.pdf> > Acesso em: 08 mar. 2012.

PORTO, Maria de Fátima Silva. **De batom e salto alto**: experiências de mulheres empresárias. Patos de Minas 1980 -1990. São Paulo: Annablume, 2002.

SQUIRRA, S. Sociedade do Conhecimento. In MELO, Marques de; SATHLER, J. M. L. **Direitos à Comunicação na Sociedade na Informação**. São Bernado do Campo: Umesp, 2005.

STRAUBHAAR, Joseph, LAROSE, Robert. **Communications midea in the information society**. Belmont: wadsworth Publ.Co., 1995.

TOURAINÉ, Alain. **Um novo paradigma para compreender o mundo de hoje**. 2007.

---

<sup>1</sup> Tradução realizada pela aluna Kerllin Carla Boeing, do Curso de Especialização em **Docência do Ensino Superior** e revisão pela professora Leandra Ines Seganfredo Santos (CRLE – Revista **Eventos Pedagógicos**).